



Fraternidade para curar o mundo

«*Todos vós sois irmãos*» (Mt 23,8)

TEXTO BASE

53° CONGRESSO EUCHARÍSTICO
INTERNACIONAL DE QUITO (EQUADOR)
8-15 SETEMBRO 2024

© IEC 2024 QUITO
www.iec2024.ec

© PONTIFICIO COMITATO
PER I CONGRESSI EUCARISTICI INTERNAZIONALI
www.congressieucaristici.va

I edizione: [mese] + [anno]
A cura di [nome del curatore dell'edizione]

In copertina:
[soggetto rappresentato in copertina]

ISBN 978-[-- ----- -- ---]
Editrice [nome della casa editrice] + [città di edizione]

Apresentação

De 8 a 15 de setembro de 2024, a cidade de Quito (Equador) vai vestir-se de festa para o 53º Congresso Eucarístico Internacional, e no entrelaçado colorido das suas ruas coloniais receberá milhares de pessoas provenientes de todo o mundo para celebrar o Mistério da nossa fé e renovar, numa alegre partilha de dons, o amor a Cristo, Pão vivo descido do céu.

Em vista deste evento global, a Comissão Teológica do Comité Local Equatoriano, em colaboração com o Comité Pontifício para os Congressos Eucarísticos Internacionais, elaborou este “texto base” à luz do tema «Fraternidade para curar o mundo». É o instrumento oferecido às Igrejas do Equador e de todos os países para se prepararem frutuosamente para estes dias eucarísticos. Assim, a fraternidade humana que está no centro da reflexão do congresso não permanecerá um sonho, mas encontrará uma maneira de se concretizar a partir da celebração eucarística.

O texto tem o sabor da experiência de fé dos povos latino-americanos, dom que desejam partilhar com quantos queiram participar de alguma forma no Congresso Internacional. A Igreja de Quito vai transformar-se numa tenda eucarística, onde a mesa da Palavra e do Pão nos vai reunir para descobrirmos a presença misericordiosa de Deus que nos ama intensamente e nos torna irmãos e irmãs, filhos do mesmo Pai. O dom pascal do Senhor Ressuscitado, que está no coração de cada Missa e do culto eucarístico da qual adquire o seu significado, ao mesmo tempo que sara as nossas feridas, ajuda-nos a cuidar de cada irmão e irmã.

Elevemos os nossos corações no louvor e peçamos a Deus, com as palavras do Papa Francisco, a graça de «preparar os nossos corações para o encontro com os irmãos independentemente das diferenças de ideias, língua, cultura, religião; que unja todo o nosso ser com o óleo da sua misericórdia que cura as feridas dos erros, das incompreensões, das controvérsias; [peço] a graça que nos envie, com humildade e mansidão, pelas sendas desafiadoras, mas fecundas, da busca da paz» (Fratelli Tutti, 254).

+ Alfredo José Espinoza Mateus, sdb

Arcebispo de Quito e Primaz do Equador
16 de junho de 2023, Solenidade do Sagrado Coração de Jesus

INTRODUÇÃO

Um sonho de fraternidade

«*Todos vós sois irmãos*» (Mt 23, 8)

1. Com estas palavras de Jesus no Evangelho de São Mateus, o Papa Francisco quis iluminar o 53º Congresso Eucarístico Internacional que se vai realizar na cidade de Quito – Equador.¹ A frase do Mestre exorta os seus discípulos a tomar consciência da sua relação fraternal como filhos do mesmo Pai. A comunidade dos crentes, por vocação divina, é chamada a alicerçar as suas relações humanas no amor fraterno, laços de fraternidade que devem ser sinal de esperança para um mundo fragmentado, um bálsamo necessário para sarar as feridas. Através da sua Igreja peregrina entre tantos povos, o Mestre recorda à sociedade contemporânea: «*Todos vós sois irmãos*» (Mt 23,8).
2. O contexto deste Congresso Eucarístico expressa a urgência da fraternidade para curar o mundo. Vários países da América Latina e de outros continentes sofrem internamente com a instabilidade sociopolítica. Restam ainda resquícios de um colonialismo histórico, violento e silencioso, que responde a interesses transnacionais com características imperialistas.² Sucedem-se constantemente manifestações populares que rejeitam um sistema económico cada vez mais injusto, onde a pobreza e a injustiça crescem. «A pobreza e a desigualdade na América Latina são um flagelo que se aprofunda em vez de diminuir. A pandemia e as suas consequências, o agravamento do contexto mundial nas esferas política, económica e militar, bem como a polarização ideológica, parecem fechar as portas aos esforços de desenvolvimento e aos anseios de libertação».³ A Europa encontra-se abalada por uma guerra às suas portas que lembra o horror dos grandes conflitos mundiais vividos no século XX e a divisão do Ocidente em dois grandes blocos com visões distintas da sociedade. Do Médio Oriente chegam notícias de tensões crescentes e violência incessante. De África, oprimida pela pobreza endémica, continuam a zarpar barcos cheios de migrantes em busca de asilo num “mundo” melhor. Um “mundo” muitas vezes inalcançável porque não se chega a porto seguro, morrendo nas águas do Mediterrâneo.
3. Não se trata apenas de sarar as relações entre os diversos povos que habitam a face da terra, mas também de curar as feridas do coração humano que impedem a paz e a reconciliação. Devemos perceber que «nos demos conta de estar no mesmo barco, todos frágeis e desorientados mas ao mesmo tempo importantes e necessários: todos chamados a remar juntos, todos carecidos de mútuo encorajamento. E, neste barco, estamos todos».⁴ O Congresso Eucarístico é um momento

1 Sobre a índole do Congresso Eucarístico cf. *Ritual da Sagrada Comunhão e Culto do Mistério Eucarístico fora da Missa*, nn. 109-112.

2 Cf. *Nota Conjunta dos Dicastérios para a Cultura e a Educação e para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral sobre a «Doutrina da Descoberta»*, 30 de março de 2023.

3 CENTRO DE INVESTIGACIÓN SOCIAL AVANZADA, *América Latina. Diagnósticos y desafíos (Dossier Estudios Latinoamericanos)*, CISAV, Querétaro 2023, p. 23.

4 FRANCISCO, *Momento extraordinário de oração em Tempo de Pandemia*, 27 de março de 2020.

de graça que nos permite reavivar o dom de Deus e reconhecer que todos os povos, abraçados pelo amor eucarístico que brota do Coração de Cristo, são irmãos, filhos do mesmo Pai, construtores de fraternidade. Fraternidade entre os homens e fraternidade com a criação.

4. Por seu lado, a Igreja caminha questionando-se, no meio destas divisões num processo de discernimento sinodal. Partindo das Igrejas locais, continentais e universal, a Igreja procura recuperar a sua essencial característica de ser sinodal, que consiste em caminhar juntos para a missão, em comunhão e participação, a fim de realizar a sua vocação de sempre: tornar-se num lugar fraterno de inclusão radical, de pertença partilhada e de profunda hospitalidade,⁵ «alargando o espaço da sua tenda» (cf. Is 54, 2). Damos graças a Deus por este Congresso Eucarístico ser celebrado entre as duas assembleias gerais do Sínodo dos Bispos no Vaticano (outubro de 2023 – outubro de 2024), sinal profético do banquete eucarístico que é o centro e a manifestação máxima da sinodalidade.⁶
5. A Arquidiocese de Quito foi escolhida para sediar este novo Congresso Eucarístico Internacional por ocasião do 150º aniversário da Consagração do Equador ao Sagrado Coração de Jesus (25 de março de 1874). Nesta cidade, em 1886, já se tinha realizado o primeiro Congresso Eucarístico Nacional; agora, o povo de Deus do Equador, sob a proteção do Imaculado Coração de Maria, acolhe cristãos de todo o mundo para refletir sobre a Eucaristia e vivê-la como lugar de fraternidade capaz de curar o mundo.
6. Do lado trespassado de Cristo na cruz jorrou sangue e água, como narra o evangelista João (cf. Jo 19, 34), sinais do Batismo e da Eucaristia, fonte e ápice da Igreja.⁷ Certamente a Eucaristia, celebrada com assombro perante o Mistério Pascal,⁸ é o principal lugar de devoção ao Coração de Cristo. Paulo VI afirmou: «Desejamos que, através de uma participação mais intensa no Sacramento do altar, seja honrado o Coração de Jesus, cujo maior dom é precisamente a Eucaristia».⁹ É nela que os filhos do Pai celeste, irmãos em Cristo, realizam a mais profunda comunhão com Deus e a fraternidade entre si.¹⁰ Celebrar a Eucaristia é submergir-se na fornalha do amor de Deus, onde se acrisola a comunhão eclesial.¹¹
7. Há um mundo ferido que nos precede. Um mundo com feridas ainda abertas e purulentas. Desde os alvares da história da humanidade houve encontros e caminhos manchados pelo derramamento de sangue. Até hoje, os fragilizados, os pequenos, os vulneráveis, os descartáveis são excluídos do bem comum, da justiça social, da liberdade e dos direitos humanos. São excluídos da tenda do pão partilhado, da casa comum que nos acolhe como filhos e irmãos. Um ataque a um irmão é sempre um atentado à casa comum que é a criação.

5 Cf. SECRETARIA GERAL DO SÍNODO, «*Alarga o espaço da tua tenda*» (Is 54, 2). *Documento de trabalho para a Etapa Continental*, 24 de outubro de 2022, n. 31.

6 Cf. COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja*, 2 de março de 2018, n. 47.

7 Cf. CONCÍLIO VATICANO II, *Lumen gentium*, nn. 3.11.

8 Cf. FRANCISCO, *Desiderio desideravi*, nn. 24-26.

9 Cf. PAULO VI, Carta Apostólica *Investigabiles Divitias Christi*, s/n.

10 Cf. BENTO XVI, *Deus caritas est*, n. 14.

11 Cf. FRANCISCO, *Desiderio desideravi*, n. 57.

8. Ontem como hoje, Deus não é surdo nem indiferente ao sofrimento da humanidade. Na plenitude dos tempos, Deus Pai deu-nos o seu Filho Jesus Cristo, o Verbo Encarnado, que se ofereceu até à cruz pela nossa redenção, vencendo o pecado e a morte e tornando-se ao mesmo tempo pão e pastor das nossas vidas. Cristo é o pão de Deus que nos irmana e nos reconcilia para que quem caminha connosco deixe de ser um estranho no caminho, mas seja reconhecido como próximo e companheiro de viagem. E desde a tenda da Eucaristia, da oferta da vida para que outros tenham vida, do perdão aos verdugos, precisamente, onde se consuma a sua violência, a presença do Senhor gera comunidades cristãs onde se aprende sempre de novo a promover o diálogo, a reconciliação e a paz, o caminho para curar este mundo ferido pelo ódio, a inimizade e o egoísmo.
9. Em 3 de outubro de 2020, no túmulo de São Francisco em Assis, o Papa Francisco assinou a sua encíclica *Fratelli tutti*. Em pouco tempo, reavivou em muitos corações a aspiração à fraternidade universal, salientou as numerosas chagas que a afligem no mundo de hoje, indicou alguns caminhos para uma verdadeira e justa fraternidade humana, e exortou todos, pessoas e instituições, a trabalhar para isso.
10. A cidade de Quito, localizada na latitude zero, no “meio do mundo”, estende a sua tenda até se tornar numa imensa tenda eucarística onde todos são convidados a partilhar este grande sonho de uma fraternidade redimida e curada pelo amor total de Cristo. O Papa Francisco exorta-nos: «Sonhemos como uma única humanidade, como caminantes da mesma carne humana, como filhos desta mesma terra que nos alberga a todos, cada qual com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada qual com a própria voz, mas todos irmãos».¹²
11. Acreditamos que a fraternidade está enraizada no mais profundo do ser humano, independentemente das circunstâncias concretas e dos limites históricos em que vive. Fala-nos de uma sede, de uma aspiração, de um desejo de plenitude e de vida capaz de tornar a existência mais bela e digna.

De tudo isso nasce o compromisso dos cristãos em procurar caminhos que permitam uma busca comum e um diálogo renovado com todas as pessoas de boa vontade. Este é o dever simples e exigente que nasce da consciência da afirmação de Cristo: «Todos vós sois irmãos» (Mt 23,8).

12 FRANCISCO, *Fratelli tutti*, n. 8.

1. UMA FRATERNIDADE FERIDA

«Onde está o teu irmão?» (Gn 4, 9)

12. «Onde está o teu irmão Abel?» (Gn 4, 9). Esta foi a pergunta que Deus dirigiu a Caim depois de ele ter morto o seu irmão. Uma pergunta que desceu do céu depois do clamor do sangue de Abel ter subido da terra. Uma pergunta que ecoa eternamente, lembrando-nos da vocação original à fraternidade do homem e de toda a criação.

O DESÍGNIO CRIADOR DE DEUS: FILHOS E IRMÃOS

13. Desde toda a eternidade Deus planeou criar tudo por amor, chamando os seres humanos à filiação adotiva para os tornar irmãos, para que pelo seu dom recíproco, o dom do Espírito Santo, a família do Pai pudesse ser edificada na história (cf. Gn 1-2). Este ideal é, antes de mais, um desígnio de salvação: o ser humano, de facto, não pode dar uma resposta a Deus, que tenha a qualidade de ser uma resposta “filial” sem a própria ajuda de Deus. O amor de Deus é tão grande que alcança o ser humano, mesmo quando ele o rejeita pelo pecado. Esta dupla vocação, à filiação e à fraternidade, define-nos como seres humanos, pois a nossa identidade é a de sermos filhos do mesmo Pai e irmãos entre nós.

A fraternidade está enraizada na paternidade de Deus.¹³ Não se trata de uma paternidade genérica, indiferenciada e historicamente ineficaz, mas do amor pessoal, específico e extraordinariamente concreto de Deus por cada ser humano (cf. Mt 6, 25-30). À iniciativa deste Deus que cria os seus filhos e os ama, corresponde a resposta do ser humano. «Porque é “à imagem de Deus”, o indivíduo humano possui a dignidade de pessoa: ele não é somente alguma coisa, mas alguém. É capaz de se conhecer, de se possuir e de livremente se dar e entrar em comunhão com outras pessoas. E é chamado, pela graça, a uma Aliança com o seu Criador, a dar-lhe uma resposta de fé e amor que mais ninguém pode dar no seu lugar».¹⁴

Filhos do mesmo Pai: uma fraternidade cósmica

14. A criação inteira conserva uma unidade plena. Por outras palavras, toda a comunidade cósmica vibra ao ritmo de uma mesma harmonia, porque toda a criação está envolvida numa rede de relações tecida pela liberdade e bondade de cada criatura. Tudo o que o ser humano fizer ou deixar de fazer terá uma repercussão, positiva ou negativa, em toda a criação.

No relato do Génesis, ao ser humano é confiado o cuidado da criação. Por conseguinte, todo o homem e mulher devem acolher, contemplar, alegrar-se por este dom, e conservá-lo; eles também devem procurar e encontrar o Criador na criação que é a sua casa; e, finalmente, devem conhecer-se e compreender-se a si próprios nesta casa, tecendo relações fraternas, sãs, justas e

13 Cf. FRANCISCO, *Fratelli tutti*, n. 272.

14 *Catecismo da Igreja Católica*, n. 357.

duradouras com o próximo. A vocação de toda a criação é a fraternidade universal, porque nela se realiza o desígnio da salvação.

O PECADO: RUTURA DO VÍNCULO PATERNO DIVINO

15. No entanto, já desde o início, a suspeita sobre a bondade de Deus foi semeada no coração de Adão e Eva (cf. Gn 3,1). O diálogo filial com Deus transformou-se num silêncio de dúvida e distanciamento. O Éden deixou de ser a terra do encontro e do diálogo para se tornar num lugar de esconderijo e de culpa (cf. Gn 3,10).

Uma fraternidade desfeita

16. Este distanciamento inicial dos planos do Criador provocará a rutura da fraternidade entre Caim e Abel. Em virtude disso, o outro é reduzido de pessoa a simples indivíduo. Mais ainda, o irmão mais velho, ao perder a sua identidade filial, passa a ver o irmão mais novo como um rival e uma ameaça. O pecado reduz a pessoa a um mero indivíduo e, em todos os sentidos, procura destruir a criação.

O pecado fissurou a comunhão com Deus, a comunhão fraterna e a comunhão com a criação. Apesar disso, essas fraturas não têm a última palavra na história da salvação. Pela redenção realizada em Cristo e hoje na sua Igreja, através dos sacramentos e da caridade, Deus continua a guiar o caminho da humanidade rumo à plenitude da comunhão na responsabilidade, no cuidado do próximo e da casa comum.¹⁵

17. A pergunta de Deus a Caim é uma interrogação que também hoje nos interpela com toda a sua força: «Onde está o teu irmão?» (Gn 4, 9). A humanidade traz em si inscrita uma vocação à fraternidade, mas também a dramática possibilidade da sua traição.¹⁶ Testemunha-a no egoísmo quotidiano que está na base de tantas guerras e injustiças: quantos seres humanos morrem às mãos de irmãos e irmãs que não sabem reconhecer-se como tais! No sinal do cuidado e responsabilidade pelo outro, podemos dizer se somos ou não irmãos. A fraternidade é a verdadeira forma de nos entregarmos como filhos, a verdadeira forma de amar a Deus: «Se alguém disser: “Amo a Deus” e odiar o seu irmão, é mentiroso. Quem não ama o seu irmão, que vê, não pode amar a Deus, que não vê» (1 Jo 4,20).

A FRATERNIDADE DESFIGURADA: DE IRMÃOS A INIMIGOS

18. O amor entre irmãos é tão necessário que, sem esse vínculo, a sociedade não poderia existir. A fraternidade como família de Deus, por conseguinte, favorece a solidariedade original na diversidade dos seus membros e cria um equilíbrio entre eles. Portanto, a exigência fundamental da fraternidade deveria ser a solidariedade das origens. O Papa Francisco lembra que o mundo perdeu sensibilidade e solidariedade, e prefere o individualismo ou olhar para o lado.¹⁷

15 Cf. COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja*, 2 de março de 2018, n. 12.

16 Cf. FRANCISCO, *Mensagem para o XLVII Dia Mundial da Paz. Fraternidade, fundamento e caminho para a paz*, 1 de janeiro de 2014, n. 2.

17 Cf. FRANCISCO, *Audiência Geral*, 2 de setembro de 2020.

A Igreja não pode deixar de olhar para a falta de fraternidade social. O facto de ser católica significa que é para todos, para que todos nela sejam família. O Povo de Deus que transcende qualquer povo, encarna-se nos povos da terra. Assim, fazendo suas as dores e feridas dos seus filhos, procura curá-los com o bálsamo da caridade.

Um povo ferido

19. Há um mundo ferido que nos precede. Constatamos que existem muitas feridas que permanecem abertas. E há novas feridas que dilaceram o mundo em que vivemos. Se estas forem cobertas, acabam infetadas.¹⁸ Assim, o medo, a rejeição, o desprezo e a insensibilidade traduzem-se em xenofobia, violência, exclusão, marginalização, eliminação do nascituro e do idoso, enfim, na destruição da casa comum. É preciso dizer também, que esse distanciamento dos outros se manifesta num crescente desprezo pela própria espécie humana. Esta é a ferida que está a dilacerar o mundo. Uma ferida purulenta que escorre da cultura do desperdício e da morte.¹⁹

A Igreja, no seu corpo, não está isenta destas chagas. As relações entre os seus membros também muitas vezes se romperam. Hoje há uma consciência crescente dos terríveis abusos, muitos dos quais são crimes graves, cometidos entre aqueles que deveriam ter sido “pais” e não perpetradores dos mais vulneráveis. Em várias ocasiões, o Papa Francisco pronunciou-se com veemência contra o “flagelo” das ideologias eclesiais, a “praga” do clericalismo no clero e nos leigos, do “carreirismo” e da insuficiente participação das mulheres nos processos de tomada de decisão.²⁰ Todas essas feridas antigas, ainda sangram nos membros da Igreja.

Chamados à reconciliação

20. Graças a Deus, nos momentos mais sombrios da história dos nossos povos surgiram sempre vozes, gestos, dinâmicas e pessoas que, guiadas pelo Espírito, como um farol na noite, não deixam de nos indicar o caminho a percorrer.

Um exemplo disso foi São Óscar Arnulfo Romero (1917 - 1980), arcebispo de San Salvador, entre 1977 e 1980. A falta de liberdade no seu país levou a uma verdadeira guerra civil entre as forças armadas e vários grupos revoltosos. A distância entre ricos e pobres aumentava e o acumular de riqueza nas mãos de uns poucos era escandaloso. O arcebispo Romero criou uma comissão para a defesa dos direitos humanos e tornou-se a voz dos que não têm voz. Com o anúncio do Evangelho e a denúncia das injustiças sofridas, rejeitou a violência revolucionária. Ele soube chegar aos marginalizados, acolhendo Cristo nas mãos dos desaparecidos, nos camponeses explorados e expropriados. Infelizmente, a sua opção preferencial concreta pelos pobres resultou no assassinato de fiéis, catequistas e sacerdotes. Sofreu o calvário da perseguição, a manipulação sem escrúpulos das suas homilias, assim como vários atentados contra a sua vida.

18 Cf. FRANCISCO, *Discurso aos participantes no congresso promovido pela “Organização de Universidades Católicas de América Latina y El Caribe”*, 4 de maio de 2023.

19 Cf. FRANCISCO, *Fratelli tutti*, nn. 18-21.

20 Cf. FRANCISCO, *Discurso do Papa Francisco à Fundação Vaticana “Joseph Ratzinger – Bento XVI” por ocasião da entrega do “Prémio Ratzinger”*, 17 de novembro de 2018; *Discurso do Papa Francisco aos participantes no congresso promovido pelo Dicastério para os leigos, a família e a vida*, 18 de fevereiro de 2023.

No V Domingo da Quaresma, em 23 de março de 1980, proferiu uma célebre homilia, mais tarde denominada “a homilia do fogo”. Depois do massacre, em que foram assassinadas 43 pessoas numa semana, dirigindo-se aos homens do exército, da Guarda Nacional e da polícia, disse: «Irmãos, vós que sois do nosso povo, matais os vossos próprios irmãos camponeses mas, perante uma ordem para matar dada por um homem, deve prevalecer a Lei de Deus que diz: Não matar! Nenhum soldado é obrigado a obedecer a uma ordem contrária à Lei de Deus. [...] É hora de recuperar a própria consciência e obedecer à sua consciência mais do que à ordem do pecado. [...] Em nome de Deus, portanto, e em nome deste povo sofredor, cujos lamentos sobem ao céu cada vez mais tumultuosos, suplico, rogo, ordeno-vos em nome de Deus: Cesse a repressão!».²¹

No final da homilia, no dia seguinte, na capela do Hospital da Divina Providência, surgiu do vidro traseiro de um carro estacionado no exterior um fuzil, impercetível para os fiéis de frente para o altar. O santo bispo da fraternidade, concluiu dizendo: «Que este Corpo imolado e este Sangue sacrificado pelos homens também nos alimente, para que, como Cristo, ofereçamos o nosso corpo e o nosso sangue ao sofrimento e à dor, não por nós mesmos, mas para revelar ao nosso povo o que significa justiça e paz». ²² Nesse momento, soou o disparo. Romero caiu por terra. A bala atravessou-lhe o coração.

O desafio do nosso século é a fraternidade

21. A fraternidade é um sonho que permeia toda a humanidade. Não é uma utopia, mas a oportunidade de realizar a vocação de cada pessoa: o chamamento ao encontro com os outros. Por isso, no nosso momento histórico, é dever de todos aprofundar o tema da fraternidade: o cristianismo, as religiões, a política, a filosofia e a ciência devem mergulhar nas suas profundezas. Sem fraternidade tudo pode estar perdido.

Exemplos não faltam na história da Igreja e do nosso mundo: Francisco de Assis, Josefina Bakhita, Charles de Foucauld, Teresa de Calcutá, Óscar Romero e outros. São testemunhas corajosas de que o coração humano é habitado por um desejo de fraternidade capaz de superar interesses particulares e nacionalistas, ditaduras e ideologias.

A fé cristã reaviva na pessoa a vocação humana à fraternidade. Bem o sabem os discípulos do Senhor Jesus que, ao celebrarem a Eucaristia, são chamados a acolher os outros, especialmente os mais necessitados e pobres, como pessoas a serem sustentadas e amadas, protegendo a criação. A história da salvação é um caminho com os outros, um caminho de perdão e de reencontros, um caminho fraterno e não individual.

21 ÓSCAR ROMERO, *Homilias*, Tomo VI, UCA Editores, San Salvador 2009, p. 453.

22 ÓSCAR ROMERO, *Homilias*, Tomo VI, UCA Editores, San Salvador 2009, p. 457.

2. A FRATERNIDADE REALIZADA EM CRISTO

*«Vede como é bom e agradável
que os irmãos vivam unidos!» (Sl 133, 1)*

22. Já o povo de Israel na sua peregrinação cantava a alegria do caminho fraterno. É a consciência de que a união da humanidade, na sua rica diversidade, encontra a sua origem no próprio Deus. Rostos, culturas, línguas e pensamentos “caminham” juntos rumo a Deus, princípio e meta da vida.²³

A EUCARISTIA, RECAPITULAÇÃO DA HISTÓRIA

23. O nosso mundo ferido não foi abandonado à sua sorte, mas mereceu uma cura infinitamente maior do que a sua ferida. «Onde abundou o pecado, superabundou a graça» (Rom 5:20). Deus curou-nos e tornou-nos seus filhos assumindo a nossa natureza humana, no Filho, para nos fazer participantes da sua natureza divina. «Oh admirável mistério! O Criador do género humano, tomando corpo e alma, dignou-se nascer duma Virgem; e, feito homem, tornou-nos participantes da sua divindade!».²⁴

Precisamente, onde a ferida do pecado construiu o reino da morte, Deus fez brotar a vida da ferida do lado de Cristo (cf. Jo 19,34). As chagas abertas de Cristo crucificado são, no seio da história, a ferida do amor que cura as outras feridas do ódio e da violência que desfiguram as nossas existências, privando-nos da identidade de filhos e irmãos. Assim, a Palavra, ao tornar-se homem, redimiu toda a criação, porque pertence a Deus ser criador e salvador.

Abba! Grito fraterno dos filhos no Filho

24. A existência de Jesus está marcada por uma relação de intimidade e confiança com Deus, a quem chama “Abbá” (cf. Mt 6, 9-13; Lc 11, 1-4), expressão de proximidade nunca vista na espiritualidade judaica do seu tempo. Se a serpente desfigurou a imagem bondosa de Deus no Éden fazendo com que o pecado interrompesse o diálogo de vida com Adão e Eva, agora Jesus, o Filho predileto, cura a ferida da desobediência, da autossuficiência e da rebeldia oferecendo, ao Pai, na cruz a sua vida até ao fim.

Ao mesmo tempo, a invocação do Pai é sempre fraterna, ou seja, “nosso”. Jesus ensinou os seus discípulos a chamar Deus por «Pai nosso» (Mt 6,9). Somos filhos e, por conseguinte, irmãos. Este “nós” é a comunidade eclesial, chamada a reconhecer, amadurecer e alimentar atitudes de fraternidade.

A Eucaristia: fonte e ápice da fraternidade

23 Cf. COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja*, 2 de março de 2018, nn. 49-53.

24 LITURGIA DAS HORAS, *Solenidade de Santa Maria Mãe de Deus*, Primeira antífona das Primeiras Vésperas.

25. A Igreja, fruto da Páscoa, testemunha do Senhor e do seu Reino, é sinal concreto da fraternidade que, no desígnio de Deus, deve estender-se a toda a humanidade. O primeiro ato que nos insere no Corpo de Cristo que é a Igreja é o batismo.²⁵ O lugar privilegiado da nossa unidade corporal com o Senhor e entre nós, o seu novo fundamento, é sem dúvida a ação litúrgica e, em especial, a celebração eucarística, sobretudo a dominical. É aí que a comunidade cristã conserva a verdade das relações expressas na caridade, e é aí que se abre o caminho para a realização concreta da fraternidade humana.
26. Assim, o Filho de Deus, com o seu Corpo entregue na última ceia e na cruz, sancionou de uma vez por todas a destruição do muro do ódio e da inimizade que nos separava, e não nos deixava ser irmãos (cf. Ef. 2, 14-15). Neste sentido, o Deus criador do céu e da terra não abandonou a história à sua sorte, nem ao silêncio ou ao anonimato, mas associou-a definitivamente a um destino, a uma voz, a um rosto, a um Corpo: o de Jesus de Nazaré, cuja presença reconhecemos na celebração eucarística, mesa da Palavra e do Pão da vida para o povo,²⁶ fraternalmente reunido pelo Espírito de Deus.
27. Em cada Eucaristia, Cristo torna-se presente na assembleia reunida em seu nome, no ministro que, *in persona Christi*, oferece o sacrifício e preside ao povo santo, na proclamação da Sagrada Escritura e, de modo excelente, nas espécies do pão e do vinho consagradas. Cada uma destas presenças é expressão sacramental do único Corpo de Cristo constituído pela fraternidade dos irmãos, o “nós” que exerce o sacerdócio batismal.²⁷ «A Liturgia não diz “eu” mas “nós” e qualquer limitação à amplitude deste “nós” é sempre demoníaca. A Liturgia não nos deixa sós na busca individual de um suposto conhecimento do mistério de Deus, mas toma-nos pela mão, juntos, como assembleia, para nos conduzir para dentro do mistério que a Palavra e os sinais sacramentais nos revelam».²⁸

A celebração eucarística derruba todos os muros e todas as fronteiras da rivalidade, violência e egoísmo. Aí está o Reino de Deus: Reino de filhos no Filho, Reino de irmãos reconciliados pela bondade do Pai de Cristo. Um Reino de filhos que dão graças e, na partilha da Palavra e do Pão, sinais de vida, fraternidade e reconciliação, enxertados na própria realidade de Deus.

Na mesa da Palavra

28. Deus fala e comunica-se à humanidade por meio da sua Palavra. O Verbo, que estava com Deus e era Deus, na plenitude dos tempos fez-se carne ao nascer de uma mulher cheia de graça, e na sua Páscoa, com o dom do Espírito, deu vida à humanidade a partir da Palavra que sai da boca de Deus. Por isso, ao celebrar a Eucaristia ao longo do ano litúrgico, especialmente aos domin-

25 Cf. FRANCISCO, *Audiência geral*, 11 de abril de 2018; *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1213.

26 Cf. CONCÍLIO VATICANO II, *Sacrosanctum Concilium*, n. 56; *Instrução Geral do Missal Romano*, n. 28

27 Cf. CONCÍLIO VATICANO II, *Sacrosanctum Concilium*, n. 7; *Instrução Geral do Missal Romano*, nn. 3-5.

28 FRANCISCO, *Desiderio desideravi*, n. 19.

gos, o povo cristão senta-se ao redor da mesa da Palavra, escutada, celebrada, proclamada, acolhida, para que toda a vida da Igreja seja enxertada no mistério de Jesus crucificado e ressuscitado.²⁹

A mesa da Palavra, ao redor da qual se reúne o Povo de Deus, dá vida a uma celebração sempre renovada pela “linguagem do amor” que, entrando em diálogo com quem a escuta, congrega um povo de irmãos e irmãs. É a comunhão da Santa Igreja!

A EUCARISTIA, FRATERNIDADE REALIZADA

29. Na Eucaristia torna-se presente o Senhor Ressuscitado, que é a nossa salvação, a realidade última e definitiva. A Eucaristia é uma forma permanente de aparição pascal, é a presença definitiva no nosso mundo passageiro. É o início da irrupção da Parusia. Antecipa-se o definitivo, os novos céus e a nova terra. Assim, através do memorial eucarístico, Deus conduz a história e a humanidade peregrina até à sua consumação, onde todos seremos irmãos, onde a ferida da fraternidade será curada na filiação divina. Esta realização escatológica do Reino no nosso “aqui e agora” é a antecipação na história do seu cumprimento final.

Na Eucaristia, Cristo, aquele que vive para sempre, torna-se presente e nós entramos em comunhão com Ele no Espírito Santo. O Ressuscitado oferece-nos e dá-nos aquilo que Ele é: a sua Palavra, o seu Corpo e o seu Sangue, em definitivo, a sua Pessoa e a sua Vida. Pessoa e Vida do Filho que reconciliou todas as coisas em si e elevou o nosso ser à plenitude de Deus.³⁰

Na mesa do Pão

30. A Eucaristia é cura para o mundo ferido na fraternidade. Onde o pecado nos tornou desconhecidos como irmãos e nos colocou numa relação de oposição e rivalidade, a Eucaristia faz-nos sentar à mesma mesa do Corpo e do Sangue de Cristo como filhos do mesmo Pai e, por conseguinte, irmãos e irmãs uns dos outros. Por isso, depois do relato da consagração, a Oração Eucarística da Reconciliação I afirma: «Olhai com bondade, Senhor, para esta família que chamais à comunhão convosco, na participação do único sacrifício do vosso Filho, de modo que, pelo poder do Espírito Santo, vencidas todas as divisões e discórdias, sejamos reunidos, em Cristo, num só corpo».

31. Entre a Oração Eucarística e a Comunhão, toda a assembleia reza o Pai Nosso, que sintetiza todos os louvores e intercessões expressos ao longo da celebração. Por outro lado, conduz-nos à porta do banquete do Reino, do qual a comunhão sacramental é uma antecipação.

32. A oração do Pai Nosso é uma oração de comunhão: é essencialmente a oração de uma comunidade que vive em relações familiares. Ao reconhecer Deus como “Abbá”, declaramos também o novo vínculo que se estabelece entre os discípulos de Jesus e todos os homens. A paternidade de Deus gera a fraternidade, que reconhecemos na troca do sinal da paz.

33. Depois, em procissão até ao altar, ao comungar dizemos “Amén” ao Corpo de Cristo que nos é apresentado, conscientes de que com a comunhão eucarística nos transformamos naquilo que

29 Cf. *Ordenamento das Leituras da Missa*, nn. 5.60.

30 Cf. BENTO XVI, *Sacramentum Caritatis*, n. 89.

recebemos.³¹ «Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e Eu nele, diz o Senhor» (Jo 6,56). O Amén e a Comunhão têm por finalidade tornar visível na história o Corpo de Cristo que é a Igreja, um povo de irmãos que oferece ao mundo a presença misericordiosa dos gestos e das palavras do Senhor. «Isto é bonito, é muito bonito. Enquanto nos une a Cristo, arrancando-nos dos nossos egoísmos, a Comunhão abre-nos e une-nos a todos aqueles que são um só nele. Eis o prodígio da Comunhão: tornamo-nos aquilo que recebemos!».³²

Devoção eucarística e piedade popular: expressões de fraternidade

34. Esta fraternidade eucarística não se expressa apenas durante a celebração, mas é prolongada e aprofundada pelo povo crente com a sua veneração fora da Missa. De facto, a finalidade primeira e originária da reserva eucarística é a fraternidade com os irmãos enfermos mediante a administração do Viático. Reserva eucarística que, paralelamente, levou o Povo de Deus «ao louvável costume de adorar este alimento do céu que se guarda nos nossos templos». ³³ A adoração eucarística, fruto do Espírito Santo, tem sempre a sua origem e o seu fim na celebração da Missa, é expressão da consciência fraterna do povo sacerdotal de estar perante o Mistério que salva e une.³⁴

Junto com esta devoção, muitas Igrejas locais, e em particular as da América Latina, enriqueceram-se com múltiplas formas de piedade popular. Estas expressões da vida cristã e do sacerdócio batismal ajudam os fiéis, com a linguagem da sua própria cultura, a perseverar na fraternidade cristã mediante a oração, o louvor, o testemunho e a festa.³⁵ A piedade popular marca o coração do povo crente, transmitindo de geração em geração um modo particular de ser cristão.³⁶ Isso reflete-se, por exemplo, na música, nas danças, nos trajes coloridos, na queima dos “castelos”³⁷ e nas ruas engalanadas com tapetes de flores para a procissão do *Corpus Christi* em Cuenca, Pujilí ou Quito.

Um rico testemunho da fraternidade na piedade popular são os inúmeros santuários, especialmente os marianos, os quais, como epifania de Cristo, o grande santuário do Pai,³⁸ são uma extensão da tenda divina que acolhe os seus filhos e irmãos. Na Arquidiocese de Quito, podemos referir, por exemplo, o santuário mariano nacional de El Quinche onde, não só no dia 21 de novembro, mas todos os dias do ano, Maria, como na noite de Natal, acolhe na sua casa ricos e pobres para lhes mostrar o seu Filho (cf. Lc 2, 16-17). Ali e em todos os santuários populares, os

31 Cf. FRANCISCO, *Audiência geral*, 21 de março de 2018.

32 FRANCISCO, *Audiência geral*, 21 de março de 2018.

33 *Ritual da Sagrada Comunhão e Culto do Mistério Eucarístico fora da Missa*, n. 5.

34 Cf. BENTO XVI, *Sacramentum Caritatis*, n. 68.

35 Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, *Diretório sobre a Piedade Popular e a Liturgia. Princípios e orientações*, n. 86.

36 Cf. FRANCISCO, *Evangelii gaudium*, n. 122-123; *Discurso do Santo Padre. Santuário Nacional Mariano de El Quinche (Equador)*, 8 de julho de 2015.

37 Trata-se de estruturas de canas que, uma vez incendiadas, criam jogos pirotécnicos espantosos (*ndt*).

38 Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, *Diretório sobre a Piedade Popular e a Liturgia. Princípios e orientações*, n. 262.

peregrinos, despojados das aparências do mundo, participam com fervor na celebração da Eucaristia. Todos, sem distinção, encontram as portas abertas, a mesa posta e, no caminho realizado em conjunto e na oração partilhada, experimentam a fraternidade como desígnio criador de Deus e dom da fé em Cristo.

A FRATERNIDADE SEM OS ÚLTIMOS NÃO É FRATERNIDADE

35. Esta fraternidade realizada em Cristo, para ser verdadeira, deve ser universal. «No coração de Deus ocupam lugar preferencial os pobres».³⁹ O mistério da encarnação fala-nos desta opção preferencial pelos pobres. A salvação aconteceu graças ao sim de uma jovem humilde e o Salvador nasceu na pobreza.

O Evangelho segundo São Mateus fala deles de um modo que estremece a nossa consciência: «os últimos» (Mt 20, 16) são os excluídos, as vítimas, os pobres, as mulheres, os indígenas, as crianças e os idosos, os doentes, as massas sobrantes, os que não têm voz e não contam na sociedade nem na Igreja, os rostos sofredores, os insignificantes, os que não são “ninguém” que, no entanto, serão nossos juízes no último dia e com os quais o Senhor se identifica (cf. Mt 25, 31-45).

A Igreja: uma tenda para todos

36. A narração evangélica do juízo final fala-nos de uma identificação misteriosa mas real de Cristo com os marginalizados, os últimos, os famintos, os nus, os doentes, os prisioneiros (cf. Mt 25, 31-45). É também significativo que o Evangelho de João, em vez da instituição da Eucaristia, proponha o relato do lava-pés (cf. Jo 13, 1-20), onde o Senhor nos convida ao serviço fraterno, para que as comunidades cristãs não se limitem a repetir o gesto ritual, esquecendo o profundo sentido social da Eucaristia: prolongar o serviço de Jesus aos outros, a entrega da sua vida pelos outros.⁴⁰

A própria morte de Jesus está ligada à sua opção pelos pobres. Jesus Cristo, sendo rico, fez-se pobre por nós para nos enriquecer (cf. 2 Cor 8, 9). Nos Atos dos Apóstolos, na Igreja de Jerusalém, a fração do pão está ligada a uma solidariedade que se estende aos pobres. Paulo indigna-se com os cristãos de Corinto por não partilharem a mesa e afirma que a sua reunião não é a Ceia do Senhor (cf. 1Cor 11, 20).

37. A teologia e a ação pastoral latino-americanas sublinham, na sua experiência de fé, o vínculo entre Eucaristia, caridade e justiça, dando voz à opção preferencial pelos mais pobres e marginalizados, por uma ação transformadora da realidade a partir das virtudes teológicas e morais numa perspectiva decididamente personalista. Uma opção que não é aceitação nem resignação, mas implica um momento de recusa, denúncia, compromisso para erradicar e superar todas aquelas realidades que, na medida em que ameaçam o homem e o seu ambiente ecológico, bloqueiam e pervertem o desígnio salvífico de Deus.

39 FRANCISCO, *Evangelii gaudium*, n. 197.

40 Cf. BENTO XVI, *Sacramentum caritatis*, n. 88.

38. Na história da Igreja latino-americana, deve-se recordar que o primeiro grito profético a favor dos indígenas aconteceu numa celebração eucarística na ilha La Española quando, no Advento de 1551, o dominicano António de Montesinos, comentando a passagem evangélica relativa a João Batista, «Eu sou a voz do que clama no deserto» (Jo 1, 23) refere: «Esta voz diz que estais todos em pecado mortal, e neste estado viveis e morreis pela crueldade e tirania que usais para com estas gentes inocentes. Dizei: com que direito e com que justiça, mantendes estes índios numa escravidão tão cruel e horrível? Com que autoridade desencadeastes tantas guerras execráveis contra estas gentes que viviam mansa e pacificamente nas suas terras; onde aniquilastes muitos deles, com mortes e estragos nunca ouvidos? [...] Eles não são homens? Não têm almas racionais? Não estais obrigados a amá-los como a vós mesmos? Não entendeis isto? Não sentis isto? Como podeis estar adormecidos num sono tão profundo e letárgico?». ⁴¹

Um *comendero*⁴² espanhol Bartolomeu de Las Casas ficou profundamente comovido com estas palavras. Posteriormente, meditando sobre o texto do *Eclesiástico* 34, 21-22, onde os injustos são duramente criticados, libertou os seus escravos, tornou-se frade dominicano e, nomeado bispo, tornou-se no grande defensor dos indígenas.

39. A celebração da Eucaristia envolve necessariamente implicações sociais, políticas e históricas que surgem de um banquete de irmãos onde não há mais distinções de pessoas, e do qual emerge uma nova civilização, como afirma o documento conclusivo de Aparecida (2007): «Louvamos ao Senhor por ter feito deste continente um espaço de comunhão e comunicação de povos e culturas indígenas. Também agradecemos o protagonismo que vão adquirindo setores que foram deslocados: mulheres, indígenas, afro-americanos, homens do campo e habitantes de áreas marginais das grandes cidades. Toda a vida dos nossos povos fundada em Cristo e redimida por Ele, pode olhar para o futuro com esperança e alegria». ⁴³ Recentemente, a Nota Conjunta dos Dicastérios para a Cultura e a Educação e para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral sobre a «Doutrina da Descoberta» expressava-se assim: «Fiel ao mandato recebido de Cristo, a Igreja Católica esforça-se por promover a fraternidade universal e o respeito pela dignidade de todo ser humano.» (n. 1).

41 BARTOLOMÉ DE LAS CASAS, *Historia de las Indias*, t. III, cap. IV, Imprenta Miguel Ginesta, Madrid 1875, pp. 365-366.

42 O *comendero* era o titular da *encomienda*, instituição através da qual os habitantes de uma aldeia indígena, ou grupo de aldeias, eram confiados a um colono que coletava os tributos dos indígenas em natureza ou em forma de trabalho obrigatório (*ndt*).

43 V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, *Documento conclusivo de Aparecida*, n. 128.

3. FRATERNIDADE PARA CURAR O MUNDO

«Dai-lhes vós de comer» (Lc 9,13)

40. No texto da multiplicação dos pães oferecido pelo evangelista Lucas, não só acontece o milagre do alimento abundante para todos, até à saciedade e mais, mas também o de uma comunidade que, constituída em assembleia em torno de seu Mestre, recebe o mandamento da caridade. Assim, partilhando o que possui e o seu esforço físico, sai de si própria para alimentar a multidão faminta. Sinal eucarístico profético de um povo que não se fecha num intimismo dos seus templos, mas é enviado pelo seu Senhor a tornar-se pão partido para a vida e a fraternidade do mundo de hoje.

RECONCILIAÇÃO E VIOLÊNCIA

41. A ação curativa de Cristo sobre o mundo enfrenta as realidades dramáticas da nossa história, onde a violência generalizada nos tornou simultaneamente vítimas e verdugos. No Equador, país de maioria católica, por exemplo, falar de fraternidade reconciliada pode conter um sabor de incredulidade, tendo em conta o que aconteceu nas nossas prisões e ruas onde inocentes e culpados, sem distinção, perderam a vida, fazendo, por exemplo, dos últimos anos os mais violentos da nossa história recente.

Estamos conscientes de que a redenção é real, mas tem de alcançar a sua consumação definitiva. O mundo foi curado, no seu coração e no seu destino, mesmo que descubramos realidades onde esta cura ainda não se manifestou plenamente. No entanto, a indignação face à violência e o desejo de remediá-la falam-nos da certeza da cura. Vemos isso no testemunho de muitos homens e mulheres que, a partir do exemplo de Cristo, tornando-se seus discípulos missionários,⁴⁴ souberam responder de maneira nova e evangélica à crescente violência que aflige o nosso modo “natural” de nos relacionarmos uns com os outros.

O perdão: o exemplo de Cristo

42. Encontramo-nos perante uma constatação e uma busca: o mundo está ferido, é urgente encontrar caminhos de fraternidade e não nos deixarmos abater pela violência que degrada a pessoa humana e toda a criação. Desde que há memória na humanidade, houve sempre conflitos na sociedade que confluíram em fratricídio: o irmão mata o irmão numa multiplicidade de formas. Até a Escritura conta a mesma história, mas atravessada pela certeza de que Deus não está do lado do verdugo, mas da vítima.

A revelação cristã desarma o enigma do desejo violento, não porque anula o dinamismo da imitação que constrói as sociedades, mas porque o canaliza para a verdadeira imitação, não a do

44 Cf. V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, *Documento conclusivo de Aparecida*, nn. 28-29.

verdugo, nem a da vítima rancorosa, mas a imitação da vítima que perdoa: Cristo, o Filho de Deus, o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Todos os domingos, na celebração eucarística os cristãos colocam-se diante do Crucificado, aquele que oferece a sua vida por amor, aquele que se parte e se partilha, aquele que perdoa os seus verdugos. Sem uma palavra de vingança ou um gesto de maldição.

A voz das vítimas

43. A voz dos vencidos é, por conseguinte, a condição possível para que a violência cesse de uma vez por todas. Esta foi, por exemplo, a experiência do Papa Francisco com as vítimas de abuso dentro da Igreja,⁴⁵ e com muitas outras vítimas da iniquidade humana.⁴⁶ As suas vozes foram um grito de esperança. Enquanto a história mostra que aparentemente os verdugos continuam a triunfar, devemos reconhecer que há outra constante nesta mesma história: ainda existem justos, santos anónimos, que dão a vida pelos outros. Aí reside a força transformadora do Evangelho e, em particular, da Eucaristia: os crentes vivem, experimentam e realizam a ação de comungar pelo caminho aberto por Jesus Cristo, a saber, o ato de amar à custa da própria vida.

Uma fraternidade restaurada: a gratuidade

44. Os relatos pascais das aparições de Jesus abrem a possibilidade de construir uma comunidade já não em termos de rivalidade, mas de gratuidade. As chagas da Paixão apresentadas pelo Ressuscitado deixam de ter o objetivo de vingar a humilhação sofrida e perseguir os assassinos, mas para chamar todas as nações a acreditar na Boa Nova do perdão e da misericórdia. Assim, o Ressuscitado permite celebrar a Eucaristia não no pranto do sepulcro, mas na alegria de um mundo novo, onde é possível celebrar a reconciliação como um dom que transforma as relações fraticidas em comunidades de irmãos.

Graças a este ato de absoluta gratuidade do Cordeiro imolado, que é Jesus Cristo, é possível passar da triste memória das vítimas, cujo sangue clama ao céu, a uma memória ditosa que integra o clamor de fraternidade num ato universal que reconcilia todos. Não se trata de um simples indulto para os culpados, nem da triste cumplicidade que afasta a vítima, mas da reconciliação como capacidade de tornar própria a aflição do outro num gesto de perdão, condição de possibilidade de uma nova história e de uma nova criação.

O Cordeiro de Deus é a expressão plena da lógica eucarística do dom que salva, como já anunciado por Isaías: «Pelos suas Chagas fomos curados» (Is 53,5). O convite de Jesus: «Dai-lhes vós de comer» (Lc 9, 13) e o de Cristo pascal no memorial eucarístico: «Fazei isto em memória de mim» (Lc 22, 19), asseguram-nos que não há outro caminho para reconstruir a fraternidade, senão dar a vida e dá-la até ao fim como fiéis discípulos missionários d'Aquele que é o alimento da vida eterna. Uma vida que se parte e se partilha até saciar a fome de fraternidade de todos os povos e culturas. «É que belo seria se todos pudessem admirar como nos preocupamos uns pelos

45 Cf. FRANCISCO, *Discurso na Entrega das Insígnias de Cavaleiro e Dama da Grã-Cruz da Ordem Piaana a Philip Pullella e a Valentina Alazraki*, 13 de novembro de 2021.

46 Cf. FRANCISCO, *Encontro com as populações indígenas First Nations, Métis e Inuit (Canada)*, 25 de julho de 2022; *Discurso aos participantes do encontro promovido pela "Strategic Alliance of Catholic Research Universities" (SACRU) e pela Fundação Centesimus Annus Pro Pontífice*, 11 de março de 2023.

outros; como mutuamente nos animamos e fazemos companhia. É o dom de si que estabelece a relação interpessoal; esta não se gera dando “coisas”, mas dando-se a si mesmo. Em qualquer doação, é a própria pessoa que se oferece. “Dar-se” significa deixar atuar em si mesmo toda a força do amor que é o Espírito de Deus e, assim, dar lugar à sua força criadora». ⁴⁷

CRIAÇÃO E FRATERNIDADE UNIVERSAL

45. No final da Segunda Guerra Mundial, conscientes da barbárie produzida por aquela guerra fratricida, os povos redigiram a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), que pretendia pôr fim à violência homicida entre os povos da Terra. Mas os acontecimentos históricos vividos desde então mostraram-nos que, como uma maldição, a sede de poder paira sobre a humanidade, dando origem a muitas formas de violência que parecem invencíveis. Como controlar o desejo de poder que nos habita? Onde podemos encontrar o remédio?

Nas pegadas de Jesus: humildade e ternura

46. A história de Jesus indica-nos o caminho: o abaixamento na humildade radical e a doçura absoluta da sua ternura para com os outros. A humildade implica o reconhecimento do *humus* da nossa humanidade: nesse barro todos nos encontramos e reconhecemos como irmãos e irmãs porque todos somos feitos do mesmo *humus*. A partir deste *humus* estamos ternamente ligados a toda a criação. Por isso é necessário e urgente despojar-nos de todas as formas de superioridade, resíduo de um antropocentrismo sem Deus que destruiu a Casa Comum. ⁴⁸

Deixando de lado todos os interesses que se interpõem entre o outro e eu, devemos fazer-nos pobres para nos encontrarmos face a face, para nos olharmos nos olhos, para nos abraçarmos fraternalmente. Independentemente de todas as diferenças, somos irmãos e irmãs. Conscientes da nossa pobreza, tornamo-nos mais irmãos da terra, do fogo, do ar, da água e dos animais, respeitando todas as formas de vida. A fraternidade humana passa por esta fraternidade cósmica.

Esta atitude consiste num regresso a um estilo de vida simples, vencendo a tentação do consumismo que nos afoga no supérfluo, nos torna prisioneiros das coisas, cria desigualdades e barreiras para com os outros e destrói a fraternidade, não só com os homens, mas com todas as criaturas. Se não cultivarmos este estilo de fraternidade universal, a fraternidade humana permanecerá uma ilusão em constante perigo.

A fraternidade universal é possível

47. Será possível a fraternidade universal? Sim, deve ser vivida como um estilo contracorrente no seio das comunidades cristãs, reunidas em torno de Cristo, a vítima que perdoa. Tudo isto gera ondas de expansão no mar da história que podem recriar o mundo a partir de baixo e de dentro. O cristianismo primitivo é a prova irrefutável da capacidade da fé cristã de reinventar a sociedade

47 FRANCISCO, *Homilia na Santa Missa pela Evangelização dos Povos no Parque do Bicentenario*, Quito, 7 de julho de 2015.

48 Cf. FRANCISCO, *Fratelli tutti*, n. 194: «Em que consiste a ternura? No amor, que se torna próximo e concreto. É um movimento que brota do coração e chega aos olhos, aos ouvidos e às mãos. [...] A ternura é o caminho que percorreram os homens e as mulheres mais corajosos e fortes [...]. Os mais pequeninos, frágeis e pobres devem enternecer-nos: eles têm o “direito” de arrebatam a nossa alma, o nosso coração. Sim, eles são nossos irmãos e, como tais, devemos amá-los e tratá-los».

e a cultura na força d'Aquele que nos reúne à volta da mesma mesa, tornando-se alimento no seu Evangelho e no seu Corpo e Sangue.

Precisamente a celebração eucarística, como grande ação de graças, une o céu e a terra, torna-nos artífices da fraternidade e sábios guardiões da casa comum. Por isso, a Eucaristia é também fonte de luz e motivação para as nossas preocupações com o meio ambiente, e orienta-nos para sermos guardiões de toda a criação. Não podemos recusar esta opção: é uma exigência para a continuidade da comunidade humana no nosso planeta.⁴⁹

A IGREJA: TESTEMUNHO DA CURA DO MUNDO

48. «A Igreja vive da Eucaristia»⁵⁰ e a Eucaristia cura o mundo; para isso devemos necessariamente dirigir o nosso olhar para a comunidade cristã, a Igreja, comunidade de homens e mulheres reunidos pelo Senhor para estar com Ele e levar o pão da sua Palavra e do seu Corpo a todas as nações. É a experiência humilde e amorosa do «Dai-lhes vós de comer» (Lc 9,13) de Jesus. São homens e mulheres que, a partir da própria vocação, são enviados como sal e luz, como fermento na massa, chamados a ser memória e fermento desta cura no meio do mundo. A força curativa da Eucaristia manifesta-se no testemunho dos cristãos, em ser comunidade fraterna, Igreja em saída que vive o mandato de Cristo.

Em cada celebração eucarística ressoam as palavras de Jesus: «Fazei isto em memória de mim» (1 Cor 11, 24). A que se refere o Senhor? De que devemos fazer memória? É a memória do amor. Devemos fazer memória do facto de Jesus nos ter amado até ao fim, entregando-nos o seu Corpo e o seu Sangue, toda a sua vida. A memória do seu amor renova a nossa fé e desperta o nosso amor, faz-nos entrar na lógica escandalosa de Deus que abala todo o egoísmo: quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á e quem quiser ser o primeiro deverá ser o último (cf. Mt 16, 25).

Isto transforma a vida quotidiana: abre-a à partilha, responde às exigências de justiça e de paz que se agitam no coração do mundo e impele-nos a proteger a criação. Todos os domingos, no Dia do Senhor (cf. Ap 1, 10), em todas as latitudes, homens e mulheres de todas as raças, línguas, povos e nações (cf. Ap 7, 9) reúnem-se em assembleia em torno do altar do Senhor, para juntos serem o Corpo de Cristo no coração do nosso mundo.

«Ide em paz»: um envio missionário

49. Uma vez celebrada a Missa, as assembleias litúrgicas dissolvem-se lentamente e dispersam-se como uma semente nos sulcos da terra. Depois de escutar a Palavra, partilhar o mesmo Pão e beber do mesmo Cálice, os cristãos regressam às suas casas, escolas, escritórios, lojas, locais de lazer, traçando novos caminhos que, através da rede da fraternidade, constroem o Reino. É justamente por isso que a oração coleta da segunda-feira da Oitava da Páscoa reza: «Concedei-lhes a graça de serem fiéis na vida ao sacramento que pela fé receberam».
- Assim, depois de terem comido o Corpo “entregue”, os cristãos tornam-se no «corpo oferecido pelas multidões» servindo o Evangelho nos lugares de fragilidade e de cruz, partilhando e cuidando. É nas provações, muitas vezes desumanas, das migrações, dos extremismos opostos, dos

49 Cf. FRANCISCO, *Laudato si'*, nn. 161.236.

50 JOÃO PAULO II, *Ecclesia de Eucharistia*, n. 1.

problemas laborais, que os cristãos prolongam a celebração do memorial da cruz, tornado, assim, vivo e presente o Evangelho do Servo que, ao entregar-se por amor, curou os pecado do mundo e construiu a fraternidade.

A vida, uma missa prolongada

50. A verdadeira celebração da Ceia do Senhor é aquela que vai transformando a nossa vida em Eucaristia para que o mundo tenha vida.⁵¹ Na Eucaristia, Jesus convida toda a comunidade dos discípulos a entrar no ato de imitação dinâmica da sua vida, por outras palavras, a “tomar-se”, “partir-se” e “distribuir-se”, fazendo-se pão para a humanidade. Sim, para fazer memória da sua entrega devemos fazer o mesmo que Ele fez com os seus discípulos e com cada um de nós: lavar os pés, quer dizer, abaixar-nos e servir os nossos irmãos. Lavar os seus pés, lavar os seus rostos, lavar os seus corações com o nosso amor e misericórdia. Por isso, fazer memória do amor de Jesus não é apenas lembrar, mas viver este amor por Ele hoje nos nossos irmãos. A memória do amor transforma-se em tarefa de amor, abrindo-nos ao futuro, à esperança da Páscoa, à esperança da felicidade plena. Não basta participar na Missa “para nos sentirmos bem com Deus”, mas esse amor arriscado de Jesus precisa de ir tomando forma na nossa vida.

Quantas mães, quantos pais, juntamente com o pão de cada dia cortado na mesa de casa, quebram as costas para criar os filhos e educá-los bem? Quantos cristãos, como cidadãos responsáveis, multiplicam os seus esforços em defesa da dignidade de todos, especialmente dos mais pobres, marginalizados e discriminados? Onde encontram a força para fazer tudo isso? Precisamente na Eucaristia: na vítima que perdoa, na força do amor do Ressuscitado, que também hoje parte o pão por nós e nos repete: «Fazei isto em memória de mim» (Lc 22, 29).

A fonte da vida

51. Na Eucaristia somos incorporados no Mestre e reconhecemos que todo o testemunho vem dele. Sendo ele a testemunha suprema, o nosso testemunho é sempre participação no seu e assume a forma de anúncio do Reino e de serviço ao próximo em dom de si mesmo. Isto é o que nos recorda a eclesiologia de comunhão do Vaticano II: «a Eucaristia apresenta-se como fonte e simultaneamente vértice de toda a evangelização [...], centro e vértice da vida da Igreja».⁵² É verdade que a tentação de fugir a esta realidade, escondendo-nos atrás de ritualidades e espiritualidades intimistas, permanece constante, mas se formos sinceros para com o que celebramos, devemos imediatamente rejeitar esta ameaça. No Crucificado contemplamos o amor maior e o desprezo mais atroz, mas a fé quis centrar os nossos olhos no amor, de modo que o ódio deixa de ter a última palavra, passa a ser o Amor: «Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem» (Lc 23,34). Embora a lança do soldado romano queira selar o crime com a estocada final da violência homicida, Deus faz brotar a vida e a salvação: sangue e água (Jo 19,34). Um testemunho que se torna profecia e ação. «Sejamos profetas da esperança que anunciam o amor de Deus nestes momentos de crise, que denunciam as ideologias e estruturas de pecado, e que renunciam a qualquer vontade de dominar, possuir ou manipular o rebanho de Deus. Sabemos que o profeta

51 FRANCISCO, *Audiência geral*, 4 de abril de 2018.

52 JOÃO PAULO II, *Ecclesia de Eucharistia*, nn. 22.31.

não é um vidente do futuro, mas um homem de Deus que sabe ler e interpretar a história do seu povo como história de salvação».⁵³

52. Este testemunho permeia a vida das nossas comunidades cristãs em todos os tempos e lugares. Em 1954, o padre Leónidas Proaño Villalba foi nomeado bispo da diocese de Riobamba (Equador), território com a maior população indígena do país. Seguindo a inspiração do Concílio Vaticano II, dirigiu a sua missão pastoral na opção preferencial pelos pobres, representados pelos rostos concretos de centenas de comunidades indígenas exploradas, marginalizadas, sem direito à educação, saúde, trabalho, terra, a serem reconhecidos na sua língua, cultura e tradições.

Taita (“pai” em *quechua*) Leónidas começou a promover uma Igreja-comunidade enraizada no encontro com Jesus Cristo, marcada pela fraternidade e centrada na Eucaristia: «Fui visitar uma comunidade, [...] o povo preparou a liturgia, as leituras da Palavra de Deus, que seguiam pelo sentido comunitário, falavam das primeiras comunidades cristãs. Então perguntei-lhes: E vocês, formam uma comunidade cristã? Sim, responderam-me. Pedi-lhes que me explicassem as características que os faziam ser uma comunidade cristã. [...] Eles começaram a contar-me o que faziam como comunidade e, de repente, uma senhora pobremente vestida, levantando a mão, pediu a palavra e chorando disse-me: “Sim, Monsenhor, a comunidade cristã aqui está viva e ativa, sou testemunha do que ela fez. O meu marido ficou gravemente doente e, como somos pobres, não tínhamos como ir a Riobamba, nem como pagar a um médico, ou para comprar remédios, não tínhamos nada. Mas a comunidade cuidou de nós, vieram ver o meu marido, fizeram uma coleta, contrataram um médico, trouxeram-no aqui de táxi, pagaram os remédios que eram muito caros. É graças a todos eles, à comunidade, que hoje não sou viúva”».⁵⁴

53. Se ouvirmos o silêncio após o tiro que matou o bispo Óscar Romero, se ouvirmos a voz de Montesinos que continua a questionar-nos, se contemplarmos em cada uma das nossas comunidades o testemunho de tantos homens e mulheres que deram a vida pela fraternidade para curar o mundo, então esta é a prova de que o Crucificado Ressuscitado continua a unir-nos a Ele e ao seu Pai, porque n’Ele «todos vós sois irmãos» (Mt 23,8).

53 ALFREDO JOSÉ ESPINOZA, *Carta Pastoral “Profetas de Esperanza”*, Quito, 22 de abril 2022.

54 LUCIANO BELLINI (org.), *Palabras de Liberación. Discursos y Homilias de Mons. Proaño*, Quito, Abya Yala, 2009, pp. 58-59.

CONCLUSÃO

Eucaristia: um salmo de fraternidade

«*Todos vós sois irmãos*» (Mt 23,8)

54. A ferida aberta pelo pecado fez com que Adão rompesse o diálogo com Deus e os laços da fraternidade fossem manchados pelo sangue de Abel. Aquela ferida foi curada pelo Filho de Deus com a sua morte e ressurreição, cujo memorial celebramos na Eucaristia, ceia pascal da nova e eterna aliança. O Pai amou tanto o mundo que entregou o seu Filho e o Filho se fez dom de amor até a morte e morte de cruz (cf. Fl 2,8). A eternidade do amor entrou na história.

O homem já não precisa de se esconder do olhar de Deus com folhas de figueira. A clareza da luz do dia do amor de Cristo restabelece o diálogo e a comunhão de Deus com a humanidade. A ceia pascal é o novo Éden onde o homem é finalmente um verdadeiro filho que se senta à mesa do Reino. E, ao mesmo tempo, a Eucaristia transforma-se no cenáculo de fraternidade porque nos une ao Filho que se torna pão e cálice de bênção, tornando-nos irmãos: «Visto que há um só pão, nós, embora sejamos muitos, formamos um só corpo, porque participamos do mesmo pão» (1 Cor 10,17).

O egoísmo que envenenou o coração de Adão e manchou de sangue as mãos de Caim foi vencido pelo Filho de Deus feito homem. No banquete eucarístico, Cristo, com o pão nas mãos, dirige a sua oração de ação de graças ao Pai, redimindo toda a imagem distorcida de Deus como inimigo do homem. E partindo o pão e dando-o aos seus discípulos, cura a fraternidade ferida. A Eucaristia é, na realidade, a cura do nosso amor. Na oração de Cristo todos temos um lugar especial porque todos somos chamados à comunhão: «Pai, para que eles sejam todos um» (Jo 17,21). E, ao mesmo tempo, este novo “nós” da Eucaristia não fica fechado num cenáculo: o amor eucarístico transborda para curar as feridas do mundo, orientando-nos para o serviço mútuo ao próximo concreto e visível.

55. Na América Latina, o dinamismo eucarístico das comunidades eclesiais encontrou o seu centro vital na escuta “celebrada” da Palavra e na “fração do pão”. Como na assembleia de Jerusalém, Tiago, Pedro e João apertaram a mão de Paulo e Barnabé em sinal de reconhecimento, comunhão e missão, com a oração «que nos lembrássemos dos seus pobres» (Gal 2,10), assim nós também o fazemos em cada Eucaristia.

A resposta que Deus Pai oferece ao anseio de fraternidade humana é a pessoa de Jesus Cristo que se fez por amor o Pão da Vida, para curar as feridas do mundo. Por isso, a Igreja deve estar sempre em saída e renovar a fecundidade da sua ação evangelizadora, reconhecendo o Corpo de Cristo no corpo maltratado do próximo, do último e do mais pequeno, do que sofre na sua humanidade, colocando-se ao serviço com os mesmos gestos e palavras de vida, proximidade, amor e dignidade que Cristo teve pelos mais pequenos. Só assim a Eucaristia continua a ser Palavra e Pão de vida para curar as feridas dos mais pequenos e esquecidos da história.

56. O cardeal Jorge Mario Bergoglio, quando era arcebispo de Buenos Aires, pregava que a Eucaristia é o selo do amor de Deus em nós e, através de nós, para os mais pequenos: «Que o pão dividido transforme as nossas mãos vazias em mãos cheias, com essa medida “calcada, sacudida, a transbordar” (Lc 6,38), que o Senhor promete ao que é generoso com os seus talentos. Que o doce peso da Eucaristia deixe a sua marca de amor nas nossas mãos para que, ungidas por Cristo, se tornem mãos que acolhem e contêm os mais frágeis. Que o calor do pão consagrado arda nas nossas mãos com o vivo desejo de partilhar tão grande dom com todos os que têm fome de pão, de justiça e de Deus».⁵⁵
57. A Igreja é o sacramento universal da salvação na medida em que está unida a Cristo.⁵⁶ Se Cristo é comunhão, também a Igreja é comunhão, não só entre os homens, mas «por Cristo, com Cristo e em Cristo» é comunhão com o eterno amor trinitário de Deus. A Igreja, nascida do Coração de Cristo, é enviada para gerar essas novas relações fraternas no amor eucarístico, que inclui a todos sem deixar ninguém de fora. Ao mesmo tempo, a Eucaristia é o altar do mundo onde se eleva a boa ação de graças a Deus e se renova a aliança pela vida e custódia de toda a criação.
58. Em comunhão com a Virgem Maria, mulher “eucarística”,⁵⁷ com santa Marianita de Jesus,⁵⁸ que ofereceu a vida em oblação pelo nosso povo, e com o beato Emílio Moscoso,⁵⁹ mártir da Eucaristia, unamo-nos a todos os seres humanos e, tornados voz de todas as demais criaturas, da nossa casa comum elevamos este Salmo da fraternidade:

Nações, povos, territórios, gentes!
 Vizinhos, amigos e famílias,
 feridos e amargos, divididos e dispersos,
 triste pólvora que tantos mata,
 drogas que sufocam a vida e o canto...

Perdoa, Senhor, a minha intransigência,
 sinal incoerente do meu barro
 que me afasta do humano e do divino,
 que quebra a fraternidade e te entristece,
 discreta presença no pão e no vinho.

Sangue humano derramado por homens
 é sangue fraterno de confrontos homicidas.

55 JORGE MARIO BERGOGLIO, *El verdadero poder es el servicio*, Claretiana, Buenos Aires 2013, pp. 243-244.

56 Cf. CONCÍLIO VATICANO II, *Lumen gentium*, nn. 1-2.

57 JOÃO PAULO II, *Ecclesia de Eucharistia*, nn. 53-58.

58 Mariana de Jesús de Paredes y Flores (Quito, 1618-1645), o “lírio de Quito”. Primeira santa do Equador, ofereceu a sua vida pela salvação do País assolado por uma epidemia terrível. Em 1946, o Parlamento equatoriano conferiu-lhe o título de “Heroína da Pátria”.

59 Salvador Victor Emilio Moscoso Cárdenas (Cuenca, Equador, 1846 – Riobamba 1897), sacerdote jesuíta, foi morto por ódio à fé por alguns soldados fiéis ao regime revolucionário durante a luta fratricida que ensanguentou Riobamba.

Olha, Senhor, benevolente e grande
a mente perdida, o coração dilacerado,
os lábios que imploram aceitação:
encontrem refúgio no teu coração que ama.

Perdoa, Senhor, os meus egoísmos,
a ternura que se esconde,
a dor que me acutila
és tu quem a assume na cruz,
discreta presença no pão e no vinho.

Ajuda-nos, Senhor, a ser Igreja,
no caminho sinodal, sempre irmãos
e já sem ódio, egoísmo ou rancor
saboreemos a intimidade do diálogo e do amor,
o teu bálsamo que cura as feridas,
as feridas do mundo que clamam por ti.

APÊNDICE

ORAÇÃO PARA O CONGRESSO EUCARÍSTICO

Senhor Jesus Cristo,
Pão vivo descido do céu:
Olhai para o povo do vosso coração
que hoje vos louva, adora e bendiz.

Vós que nos reunis em redor da vossa mesa
para nos alimentardes com o vosso Corpo
concedei que, superando toda a divisão, ódio e egoísmo,
nos unamos como verdadeiros irmãos,
filhos do Pai do céu.

Enviai-nos o vosso Espírito de amor
para que, procurando caminhos de fraternidade:
paz, diálogo e perdão,
ajudemos a sarar as feridas do mundo.

Amen.

2.

O LOGO



A CRUZ

A Cruz de Cristo entra na carne do mundo para curar as feridas abertas pelo pecado. Onde a humanidade desferiu a máxima violência contra o Cordeiro de Deus, Deus derramou o seu amor nos sinais da água e do sangue que brotaram do lado aberto de Cristo. O Crucificado – Ressuscitado, abraça a todos como irmãos reconciliados com o Pai.



O CORAÇÃO

O Coração aberto de Cristo na Cruz é a fonte do amor que torna novas todas as coisas. A sua ferida é fonte de vida e de reconciliação. As feridas abertas do Ressuscitado são as feridas do amor que curam as feridas do ódio, da inimizade, da violência e da morte que afligem a humanidade.



A HÓSTIA

A Hóstia lembra a Eucaristia, ápice e fonte de toda a vida cristã. Oferece um novo rumo à história humana para que Deus continue a reunir o seu povo, de Oriente a Ocidente, congregando-o em torno da Palavra de vida e do Pão vivo descido do céu. A Eucaristia é um vínculo de fraternidade: se o pecado a fractura, a celebração eucarística reúne-nos na única mesa como filhos do mesmo Pai celeste.



QUITO

Quito, uma cidade no meio do mundo, localizada na latitude zero, alarga a sua tenda para se tornar uma imensa cidade eucarística onde todos estão convidados a construir o sonho de uma fraternidade curada pelo amor de Cristo que nesta hora da história nos diz: “Todos vós sois irmãos” (Mt 23,8).

3.

HINO OFICIAL

“En torno a tu mesa”

Rit. Fraternidad para sanar el mundo
eso nos muestras, Señor, desde la cruz.
Tú nos congregas en torno a tu mesa
y nos enseñas al hermano a amar.

1

Con tu cuerpo y sangre, misterio divino,
te haces presente aquí en el altar.
Tú estás con nosotros en el pan y el vino
que reconcilian, que dan vida y paz.

2

Señor amigo, Palabra de Dios,
tu nos invitas a ser fraternidad.
Por ti aquí estamos y eres alimento
que nos llena de amor para sanar.

3

Fraternidad es más que una palabra,
es un abrazo olvidando el rencor,
es dar la mano al pobre y desvalido,
es consolar al hermano en la aflicción.

4

Tú nos enseñas a amar al más pequeño,
ustedes son todos hermanos, sean uno.
Desde Ecuador, para el mundo entero,
anunciamos: Tú eres la vida, Jesús.

Música: *Marco Antonio Espín Landázuri*
Letras: *Marco Antonio Espín Landázuri y Solideo*

4.

A FISIONOMIA DO CONGRESSO EUCARÍSTICO

Do Ritual da sagrada Comunhão e culto do mistério eucarístico fora da Missa

Pausa para oração e compromisso

109. Os congressos eucarísticos, que nos últimos tempos foram introduzidos na vida da Igreja como manifestação peculiar do culto eucarístico, devem ser considerados como uma «estação» para a qual uma comunidade convida toda a Igreja local, ou uma Igreja local convida as outras Igrejas duma região ou nação, ou até as do mundo todo, a fim de, em conjunto, reconhecerem mais profundamente o mistério da Eucaristia sob algum aspeto, e lhe prestarem um culto público nos laços da caridade e da união. É pois necessário que tais congressos sejam um verdadeiro sinal de fé e de caridade pela plena participação da Igreja local e pela associação significativa das outras Igrejas.

A preparação do congresso

110. Acerca do lugar, tema e organização do congresso a celebrar, façam-se as investigações convenientes não só na Igreja local, mas também nas outras Igrejas, para se conhecerem as verdadeiras necessidades e se promover o progresso do estudo da teologia e o bem da Igreja local. Nesse trabalho de investigação procure--se a cooperação de peritos em teologia, bíblia, liturgia, pastoral e ciências humanas.

111. Na preparação do congresso, entre os demais objetivos, tenham-se em grande conta os seguintes:

- a) a catequese mais aprofundada acerca da Eucaristia, especialmente enquanto mistério de Cristo vivo e atuante na Igreja, adaptada à compreensão dos vários grupos;
- b) a participação mais ativa na sagrada Liturgia, a qual fomenta, ao mesmo tempo, a escuta religiosa da Palavra de Deus e o sentido fraterno da comunidade;
- c) o estudo dos elementos e a execução de obras sociais em ordem à promoção humana e à justa comunhão dos bens, mesmo temporais, a exemplo da primitiva comunidade cristã, para que o fermento evangélico se difunda por toda a parte a partir da mesa eucarística, como força para a construção da sociedade presente e penhor da futura

A celebração do congresso

112. A própria celebração do congresso deve orientar-se por estes critérios:

- a) a celebração da Eucaristia seja verdadeiramente o centro e o ponto culminante para onde se devem dirigir todas as iniciativas, e as várias formas de piedade;
- b) as celebrações da Palavra de Deus, as sessões catequéticas e as conferências públicas devem tender a que o tema proposto seja investigado mais profundamente e que os seus aspetos práticos sejam apresentados com clareza para serem levados à execução;

- c)* dê-se oportunidade à oração em comum e à adoração prolongada diante do Santíssimo Sacramento exposto, em igrejas determinadas, mais aptas para este exercício de piedade;
- d)* quanto à realização da procissão em que o Santíssimo é levado publicamente pelas ruas da cidade, com hinos e preces, observem-se as normas acerca das procissões eucarísticas, tendo em conta as condições sociais e religiosas do lugar.

A EVANGELIZAÇÃO NO EQUADOR

A descoberta e a evangelização da América Latina estão ligadas à data simbólica de 12 de outubro de 1492, quando as caravelas de Cristóvão Colombo, sob a égide dos reis católicos Isabel e Fernando de Espanha, desembarcaram na ilha de Guanahaní (Bahamas), que foi chamada San Salvador, um prenúncio da futura evangelização. Esta começou com os doze sacerdotes que chegaram ao Novo Mundo na segunda expedição de Colombo: foram orientados pelo vigário apostólico Frei Bernardo Boyl que celebrou a primeira missa solene na América em 6 de janeiro de 1494. Estas crônicas marcaram a história fascinante da evangelização de um continente que, no espaço de pouco mais de um século, mudou o rumo da trajetória da humanidade.

Na obra de evangelização houve luzes e sombras porque a difusão do Evangelho no Equador fez parte do processo de colonização do que restava do Império Inca, que ruiu após o assassinato de Atahualpa (1533). Muitos dos franciscanos, mercedários, dominicanos e agostinianos que chegaram às atuais terras equatorianas como capelães das tropas espanholas tinham amadurecido a sua experiência missionária em outras partes do continente. Por isso, em primeiro lugar, procuraram conhecer os habitantes das regiões de Quito, as suas línguas, estruturas sociais, crenças, hábitos e costumes, conscientes de que a melhor forma de evangelizar era fazê-lo na língua indígena, a partir dos filhos dos *caciques*, os chefes das comunidades tribais. O tom repressivo dos primeiros contactos deu gradualmente lugar à persuasão: não se impunha a conversão imediata, mas esperava-se a livre adesão dos indígenas, porque a aceitação da fé era incompatível com a coerção.

Pelos dados de que dispomos, a fundação indo-hispânica da cidade de São Francisco de Quito em 1534 é a referência que marcou a história da Igreja nesses territórios. Dois anos após a fundação da cidade, iniciou-se a construção da igreja e convento de São Francisco, conjunto arquitetónico denominado *Escorial de los Andes*. Nesse local, já estimado pelos indígenas, o padre Rique e os seus companheiros semearam no terreno em frente da nova igreja a primeira semente de trigo da terra fértil do Equador e, com ela, confiaram a boa semente do Evangelho a Quito.

Em 1545 a comunidade *quitenha* (de Quito) foi elevada a diocese, sufragânea de Lima e as “*doctrinas*”, núcleo das futuras paróquias, multiplicaram-se graças às congregações religiosas, permitindo o nascimento político da *Real Audiência* de Quito (29 de agosto de 1563). Depois da adesão também dos jesuítas à obra evangelizadora, a Igreja colonial deu vida a uma rede de escolas que levou à fundação das universidades de São Fulgêncio e de São Gregório, enquanto as artes e os ofícios encontraram a sua expressão máxima nas obras-primas da escola *quitenha*. Enquanto isso, o Evangelho penetrou na faixa amazónica do país.

A evangelização desenvolveu-se rapidamente a partir dos ambientes urbanos apoiada pelos bispos que convocaram concelhos metropolitanos e sínodos provinciais para orientar a atividade missionária, ratificar os direitos e as liberdades dos indígenas, incentivar a catequese e a pregação nas línguas indígenas através do uso de imagens, da música e do canto. Assim se desenvolveu o grande mosaico da piedade popular que é o tesouro precioso da Igreja Católica na América Latina.

Sem silenciar os erros, é preciso reconhecer que no período colonial a Igreja foi considerada uma “formadora do sentimento nacional” graças à sua atenção às necessidades do povo e à promoção da dignidade dos povos indígenas. Marcos neste trabalho de consolidação social e de serviço pastoral são o *Itinerário* para os párocos dos índios do bispo de Quito, Alonso de la Pena (+1687), a primeira Carta fundamental do Equador republicano, elaborada pelos sacerdotes da Assembleia eclesiástica *quitenha* em 1812, a orientação social e científica das cátedras dos jesuítas na Universidade nacional e da primeira escola politécnica. No Equador republicano, bispos, sacerdotes diocesanos, religiosos e religiosas, eminentes leigos construíram e reafirmaram, até hoje, o caráter cristão e cultural do país.

O povo de Deus no Equador é fruto do encontro fecundo com o Evangelho de populações de diferentes culturas, línguas e tradições. A sua fé vivida encontra clara expressão na santidade de numerosos homens e mulheres entre os quais brilham Santa Mariana de Jesus (1618 - 1645), “lírio de Quito”; a “rosa de Baba e Guayaquil”, Beata Mercedes de Jesus (1828 - 1883); Santa Narcisa de Jesus Martillo y Morán (1832-1869), “Menina Narcisa” para muitos devotos; o Beato Emílio Moscoso (1846-1897), mártir da Eucaristia.

Tudo isto ainda hoje é visível nas instituições educativas, nas magníficas obras de arte, nas igrejas da cidade de Quito, declarada “património cultural da humanidade” pela UNESCO. Mas o património mais importante é constituído pelos valores que impregnam as famílias e a sociedade, a vida privada e pública: a sabedoria que vem da memória histórica das derrotas e dos triunfos, da vitalidade dos grandes temas religiosos que inspiram a cultura, a arte, o artesanato, a festa e o repouso, o nascimento e a morte. Um espírito de fraternidade sincera, mais forte que qualquer inimizade violenta, manifesta-se na alegria e no entusiasmo das “*mingas*”,⁶⁰ nas festas, na cordialidade para com os forasteiros, na solidariedade na hora difícil da provação.

O advento do Evangelho de Cristo Salvador nesta terra da América, consagrada desde 1874 ao Sagrado Coração de Jesus, fez amadurecer, entre alegrias e dores, o fruto genuíno de uma Igreja viva que deseja partilhar a sua vitalidade com os peregrinos que, de todas as partes do mundo, chegarão a Quito para celebrar o 53.º Congresso Eucarístico Internacional.

⁶⁰ N.T. – Trabalho coletivo com o objetivo de utilidade social e caráter recíproco. Trata-se de uma tradição que remonta à civilização pré-colombiana, consiste no trabalho não remunerado para uma comunidade ou família cuja utilidade direta não beneficia quem o realiza, ou pelo menos não é um benefício privado.

ÍNDICE

<i>Apresentação</i>	p. 3
INTRODUÇÃO	“ 4
Um sonho de fraternidade « <i>Vós sois todos irmãos</i> » (Mt 23, 8)	
1. UMA FRATERNIDADE FERIDA	“ 7
« <i>Onde está o teu irmão?</i> » (Gn 4, 9)	
O desígnio criador de Deus: filhos e irmãos	“ 7
O pecado: rutura do vínculo paterno divino	“ 8
A fraternidade desfigurada: de irmãos a inimigos	“ 8
2. A FRATERNIDADE REALIZADA EM CRISTO	“ 11
« <i>Vede como é bom e agradável que os irmãos vivam unidos!</i> » (Sal 133, 1)	
A Eucaristia, recapitulação da história	“ 11
A Eucaristia, fraternidade realizada	“ 12
A fraternidade sem os últimos não é fraternidade	“ 15
3. FRATERNIDADE PARA CURAR O MUNDO	“ 17
« <i>Dai-lhes vós de comer</i> » (Lc 9,13)	
Reconciliação e violência	“ 17
Criação e fraternidade universal	“ 19
A Igreja: testemunho da cura do mundo	“ 20
CONCLUSÃO	“ 23
Eucaristia: um salmo de fraternidade « <i>Vós sois todos irmãos</i> » (Mt 23, 8)	
APÊNDICE	
1. Oração para o Congresso Eucarístico	“ 27
2. O logo	“ 28
3. Hino oficial	“ 29
4. A fisionomia do Congresso Eucarístico	“ 30
5. A evangelização no Equador	“ 32